



## Aporte historiográfico sobre usos os políticos da memória e violência na história recente argentina

Resenha de Hugo Vezzetti. *Sobre la violencia revolucionaria: memorias y olvidos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009. 280 p.

Isabel Cristina Leite  
Doutoranda em História Social/ UFRJ

A agenda política dos países que viveram sob o julgo de regimes ditatoriais ao longo do século passado tem dado prioridade aos assuntos relacionados ao que se denomina de “justiça de transição”. Usamos tal denominação para as questões referentes à “maneira como as sociedades lidam com o legado de violações de direitos humanos (...) ou outras formas de trauma social severo”<sup>1</sup>, de forma a construir um futuro mais democrático e pacífico. Cada país tem buscado lidar com este passado e construir a memória sobre ele, levando em consideração sua realidade e seu modelo de transição democrática. Diversos autores apontam que a Argentina está à frente de outros países que passaram por fenômenos semelhantes nas questões que tangem à justiça de transição, como o julgamento e punição de culpados, evocação e problematização das memórias da guerrilha por parte de seus antigos adeptos<sup>2</sup>. Deste modo, passadas mais de duas décadas do fim da ditadura naquele país, os intelectuais de esquerda que estiveram ligados à luta armada estão em processo de revisão crítica deste modelo de luta. Esta crítica atual extrapola a discussão acerca da “eficácia” ou validade da luta armada, levando em consideração aspectos ético-morais da atuação dos guerrilheiros. Os próprios ex-combatentes resignificam suas ações e condenam suas atitudes, especialmente no que tange ao justicamento de companheiros, rompendo, deste modo, com o silêncio das esquerdas sobre esta questão<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Justiça de Transição e o “acerto de contas”*: Entrevista com Glenda Mazzaroba. *Jornal da Unicamp*. 09/ Nov/2008. p.9

<sup>2</sup> Cf. MEZZAROBA, op.cit. pp.10; ARAÚJO. Maria Paula. Memórias comparadas das esquerdas no Brasil e na Argentina: o debate da luta armada. In: *Anais do X Encontro Nacional de História Oral*. Recife. 2010. pp.3.

<sup>3</sup> Em 2005, Oscar Del Barco, filósofo, antigo militante da organização *Ejército Guerrillero del Pueblo* se manifestou publicamente dizendo que “(...) no existe ningún “ideal” que justifique la muerte de un hombre, ya sea del general Aramburu, de un militante o de un policía. El principio que funda toda comunidad es el no matarás. No matarás al hombre porque todo hombre es sagrado y cada hombre es todos los hombres”. Esta e outras declarações



Neste contexto, Hugo Vezzetti, professor na *Universidad de Buenos Aires*, escreveu *Sobre la violencia revolucionaria: memorias y olvidos*, publicado em 2009. O livro contempla um amplo debate historiográfico sobre as questões conexas ao campo da memória política e da violência revolucionária na Argentina, exacerbada nos anos 1970. Como o próprio autor relata na apresentação, este livro é uma espécie de continuação das reflexões de sua obra anterior<sup>4</sup>, cujo foco foi o julgamento das Juntas Militares e o aparecimento do *Nunca Más* como base para um primeiro consenso sobre o passado recente centrado na figura da vítima. Em *Sobre la violencia revolucionaria*, o autor quer revisar esta história recente partindo de outras premissas, levando em consideração a questão da violência revolucionária, ou seja, aquela praticada por grupos de extrema esquerda e seus adeptos.

Este livro estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *La memoria justa: política e historia*, tem como escopo a questão da memória e seu uso político. O autor apresenta seus questionamentos sobre o que seria a verdade para a memória e para a história, problematizando o papel do testemunho como peça - chave na construção desta história recente da ditadura e como os relatos foram fundamentais para a construção de uma certa memória sobre o período. Não obstante, seu contraponto, o esquecimento, também é levado em consideração, por ter função importante na reconciliação nacional, ou seja, para que o país acerte contas com o seu passado. Neste capítulo, Vezzetti faz um exaustivo debate historiográfico com autores clássicos que tiveram a memória como centro de seus estudos, como Pierre Nora, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Testvan Todorov e Andreas Huyssen, ao mesmo tempo que contextualiza o período final da ditadura e a emergência do movimento de direitos humanos, que foram cruciais na construção consensual de uma memória baseada nas vítimas do regime.

---

reacenderam o debate sobre a violência de esquerda no país no meio intelectual. Cf. Carta de Oscar del Barco. Publicado originalmente na revista *La intempérie*, em 2005. Retirado de: <http://www.elinterpretador.net/15CartadeOscarDelBarco.htm>

<sup>4</sup>VEZZETTI, Hugo. *Pasado y presente. Guerra, dictadura y sociedad em la Argentina*. Buenos Aires. Siglo XXI, 2002.



O conceito de *memória justa* é utilizado neste debate, visto como um fundamento ético-político que busca superar os obstáculos que a sociedade argentina enfrenta para rememorar as divergências, os conflitos e até mesmo os crimes, mas de um modo mais apaziguado, como diz o autor: *si no hay consensos, es mejor discutir el pasado que tratar de imponer una narración que de todos modos, terminará por quedar debilitada en la dinámica de una memoria que en Argentina está lejos de perder la vitalidad*<sup>5</sup>. Trata-se mais de aceitar que é necessário um tempo para a elaboração deste passado, levando em consideração os dissensos, do que de decretar uma reconciliação que anule os conflitos.

O segundo capítulo denominado *La política y la violencia* é o capítulo central. Vezzetti historiciza a violência revolucionária e a crítica a ela. A violência da guerrilha acompanha a sociedade argentina pelo menos desde a década fins da década 1950, antes da última ditadura militar naquele país (1976-1983). O autor, ao longo do capítulo, vai relatando os diferentes tipos de ação e algumas linhas programáticas dos principais grupos de guerrilha existentes: o *Ejército Guerrillero del Pueblo*, *Montoneros* e *Ejército Revolucionario del Pueblo*.

O debate sobre a temática da violência pode ser acompanhado sob diversas formas e fontes; diferentes testemunhos, pesquisas, críticas e autocríticas. Antes mesmo da crítica realizada por Oscar del Barco em 2005 e sua repercussão, um longo caminho foi percorrido no sentido de se criticar a luta armada. As representações e os julgamentos sobre a violência e o terrorismo revolucionários, as análises críticas e as formas de rememoração foram se modificando nos últimos 35 anos e estas modificações no discurso foram observadas por Vezzetti através de diversos trabalhos acadêmicos, relatos e dos periódicos *La Opinión* e *Controversia*. O primeiro período de tratamento público, político e intelectual, sobre a guerrilha ocorreu entre os anos de 1973 a 1976, momento em que o próprio Juan Perón caracteriza os guerrilheiros – incluindo os Montoneros, peronistas - como criminosos. O segundo momento ocorreu no início da década de 1980, quando os militantes passaram a fazer a crítica desde seu exílio, onde

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

---

<sup>5</sup>VEZZETTI, Hugo. *Sobre la violencia revolucionaria: memorias y olvidos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009. pp.58. ISBN:978-987-629-079-01



lembravam das responsabilidades da guerrilha, não se eximindo de algumas culpas. Buscavam edificar suas memórias na figura dos mártires mortos pelo regime.

Após estas explanações há um extenso debate historiográfico com as principais obras jornalísticas ou acadêmicas que nortearam a discussão sobre a violência e que auxiliaram na construção de uma memória dos guerrilheiros como vítimas, e de certa forma, como jovens inocentes. Esta imagem reforçada pelos atuantes movimentos de direitos humanos e o aparecimento do *Nunca Más*, foram fundamentais para a aplicação das punições aos envolvidos com o regime militar.

O terceiro capítulo, *Les vimos la cara de Dios*, trata da violência como parte do *ethos* revolucionário, por vezes comparando-a ao sexo e à religião. Citando Hannah Arendt o autor demonstra como a guerra forma uma “confraternidade do perigo”, unida sob os mesmos valores e laços de lealdade, ao ponto de haver a anulação de indivíduo em prol do coletivo. Através de exemplos específicos, existentes nas organizações Montoneros e ERP, mostra qual o cotidiano do militante, com sua dedicação exclusiva ao grupo, e o imaginário existente em torno da figura do guerrilheiro, ou melhor, do líder guerrilheiro: “*los guerrilleros tenían que ser fantásticos, vivían para la guerra*”<sup>6</sup>. Como Deus, o líder teria poder sobre as vidas dos demais militantes. Matar ou morrer pela revolução era uma possibilidade real, uma vez que o guerrilheiro era imbuído de toda sorte de virtudes como: coragem, audácia e disposição ao sacrifício. Relacionada a esta última virtude há uma lógica da criação dos heróis guerrilheiros, do culto a estes, e a crença de que “morreram os melhores”. Por outro lado, uma análise complementar à do herói diz respeito à figura do “traidor”, que mais que uma figura de memória, é um rótulo negativo, não passível de perdão por parte dos demais, que pouco querem ouvir suas razões.

O quarto e último capítulo *El hombre nuevo*, dialoga mais diretamente com o terceiro. Vezzetti vai discutir o conceito de “homem novo”, que nasceria após a revolução, conceito que ele vai historicizar, buscando raízes desde a Revolução Francesa e usando-o para o diálogo com o humanismo de tradição marxista. Aqui o autor discute a literatura que influenciou os guerrilheiros - como Guerra de Guerrilhas, de Che Guevara- e mais uma vez ressalta as virtudes do guerrilheiro-herói e seu

---

<sup>6</sup>VEZZETTI, 2009. pp.134



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

desprendimento de sua classe burguesa. O autor traça a relação entre organizações revolucionárias e fascismos, em que reforça o caráter autoritário assumido pelos primeiros e destaca algumas práticas semelhantes, como o culto ao líder, por exemplo.

Hugo Vezzetti acredita que na violência revolucionária se conjugam três mitos: o mito político (em que a violência agudiza as contradições); o mito epistemológico (ela revela a verdadeira natureza das relações de poder) e um mito moral (ela ativa os sujeitos e evidencia o que há de melhor neles). Este livro nos possibilita pensar sobre os processos que constituem a construção de memórias e narrativas plurais sobre o passado recente auxiliando na problematização destas. *Sobre la violencia revolucionaria* é bem fundamentado, com referências bibliográficas úteis para o entendimento da atuação dos grupos guerrilheiros na Argentina, sobretudo, de como a violência foi utilizada por estes e, não raras vezes, ferozmente criticada por seus pares.

**Recebido em: 16/06/2011**

**Aprovado em: 22/01/2012**